



Para além do simples trabalho no campo: a história de vida de um jovem assentado do Florestan Fernandes

Beyond simple work in the field: the life story of a young man from Florestan Fernandes

Alexsandro do Nascimento Macedo¹; Edijan Santos Costa²

¹Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe; discente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História também pela Universidade Federal de Sergipe, atua como docente da rede pública sergipana. É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: alexhistoriaufs@hotmail.com

² Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe; discente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe; Professor de História da rede pública do Estado de Sergipe. E-mail: edijan.santos@hotmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Este artigo traz o resultado de discussões teóricas e metodológicas, bem como atividades de campo que foram desenvolvidas durante a disciplina Tópico Especial em Ensino de História do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, ministrada pelos professores Dr. Joaquim Tavares da Conceição e Dr. Paulo Heimar Souto. Utilizando o método da história oral, foi entrevistado um jovem de dezesseis anos, morador do Assentamento Florestan Fernandes, situado na zona rural do município de Canindé de São Francisco/SE. O principal objetivo é o de compreender através da análise do depoimento concedido pelo jovem, aspectos do trabalho, lazer e educação que fazem parte do cotidiano de jovens no contexto citado. Partindo do método da história oral foi possível verificar as peculiaridades de formas de lazer, a preocupação que o jovem tem com a preservação da Caatinga, bem como as formas de trabalho praticadas pelos moradores do assentamento.

PALAVRAS-CHAVES: Assentamento Florestan Fernandes; Caatinga; História Oral, Trabalho.

ABSTRACT: This article brings the result of theoretical and methodological discussions, as well as field activities that were developed during the Special Topic in History Teaching course of the Professional Master's Course in History Teaching - PROFHISTÓRIA, from the Federal University of Sergipe - UFS, taught by professors Dr. Joaquim Tavares da Conceição and Dr. Paulo Heimar Souto. Using the oral history method, a sixteen-year-old man, resident of the Florestan Fernandes Settlement, located in the rural area of the municipality of Canindé de São Francisco / SE, was interviewed. The main objective is to understand, through the analysis of the testimony given by him, aspects of work, leisure and education that are part of the daily life of young people in the mentioned context. Based on the oral history method, it was possible to verify the peculiarities of forms of leisure, the concern that young people have with the preservation of the Caatinga, as well as the forms of work practiced by the residents of the settlement.

KEYWORDS: Florestan Fernandes settlement; Caatinga; Oral History, Work.

INTRODUÇÃO

O presente texto traz o resultado de um trabalho que foi desenvolvido na disciplina Tópico Especial em Ensino de História do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, ministrada no segundo semestre 2019.2 pelos professores Dr. Joaquim Tavares da Conceição e Dr. Paulo Heimar Souto. A princípio, vários aspectos teóricos e metodológicos da história oral foram amplamente discutidos em sala durante a primeira metade do semestre, na metade seguinte, a principal proposta era a de realizamos um trabalho de campo, ou seja, colher o depoimento de um dos moradores do assentamento Florestan Fernandes, que fica situado no povoado Curituba, no município de Canindé de São Francisco, sertão do Estado de Sergipe.

Para a escolha do nosso entrevistado, nos foi disponibilizado um material organizado pela Academia Canindeense de Letras e Artes, publicado no ano de 2019, contendo poesias, cantos e contos produzidos por dezesseis assentados de ambos os sexos e de idades variadas. Apesar da diversidade, os textos elaborados pelos assentados apresentavam um “pano de fundo” em comum: a visão que cada um deles tinham da importância da caatinga para pessoas que estão, de alguma forma, inseridas nesse tipo de bioma.

No entanto, um dos textos nos chamou bastante a atenção, sobretudo pela pouca idade do autor, bem como a forma escolhida por ele para mostrar a sua visão da caatinga. Diferente dos demais, o jovem de dezesseis anos utilizou uma forma de rima muito utilizada no sertão brasileiro, o aboio¹. Observar essas características nos trouxe alguns questionamentos: Qual a importância que a Caatinga tem para os moradores do assentamento? Quais as formas de entretenimento de que dispõe na sua localidade? Quais as formas de trabalho são praticadas? Para tentar responder a essas e outras questões dividimos esse trabalho em três partes. Na primeira parte, apresentaremos o lócus do nosso entrevistado, ou seja, o Assentamento Florestan Fernandes e o município de Canindé de São Francisco/SE. Na segunda parte, valendo-se principalmente dos argumentos de P. Thompson (2002), trataremos da história oral, buscando conceito, metodologia e as vantagens de sua aplicação na pesquisa historiográfica. Na terceira e

¹Aboio é o nome que se dá a um canto triste, geralmente com poucas palavras ou até sem palavras, entoado pelos vaqueiros quando conduzem uma boiada.

Ver: <https://www.dicionarioinformal.com.br/aboio> Acesso em 21/12/2019.

última parte, com base no depoimento do jovem estudante, daremos foco às formas de lazer, à percepção que tem da importância da Caatinga para os assentados, bem como as formas de trabalho que o rodeia.

CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO E O ASSENTAMENTO FLORESTAN FERNANDES

O ser humano interage intensamente com o meio que o cerca, provocando nele modificações significativas de acordo com seus interesses. Nesse caso, podemos citar como exemplo, ações de desmatamento de florestas para a produção de alimentos em lavouras, ou mesmo o reflorestamento de áreas desérticas com o intuito de redução do aquecimento global. Por outro lado, também sofremos com excesso de chuvas ou mesmo com a falta dela, fatores que interferem na rotina diária dos indivíduos.

Para Armesto (2010), “Transformamos nosso meio ambiente, mas nunca podemos escapar dele. Então, se desprezamos a geografia, no mais amplo sentido da palavra, desprezamos a estrutura de tudo mais que acontece conosco” (ARMESTO, 2010, p. 323).

Essas palavras do historiador inglês nos mostram a importância da abordagem do espaço para a compreensão da realidade histórica dos sujeitos pesquisados.

Nesse sentido, falaremos um pouco sobre o cenário onde vive o nosso entrevistado: o assentamento Florestan Fernandes, no município de Canindé de São Francisco/SE. De acordo com Viana:

Lá no Florestan Fernandes os jovens são protagonistas
participam dos projetos, com força e muita dedicação
buscando melhores dias pra seus grandes amigos
E nesses versos de rima, digo:
a comunidade agradece aos guerreiros da caatinga (VIANA, 2019, p.11).

Esse trecho de aboio de autoria de um assentado do Florestan Fernandes traduz um pouco do que é o ambiente em que vive o entrevistado e que trataremos nesse artigo, a caatinga. O sertão tem como principal característica climática longos períodos de estiagem, por um extenso período de tempo, resultando em escassez hídrica com repercussões negativas significativas nos ecossistemas e nas atividades socioeconômicas.

De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE de 2010, o município de Canindé de São Francisco está localizado no sertão de Sergipe, às margens do Rio São Francisco. Distante 198 quilômetros de Aracaju, faz limites com os estados de Alagoas e Bahia. O clima do município é semiárido, apresentando chuvas de abril a agosto, mas com pouca precipitação. A população estimada para o ano de 2019 é de aproximadamente 29.900 habitantes.

O atual município de Canindé de São Francisco, conforme a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, elaborada pelo IBGE, “nos primeiros tempos chamou-se Canindé, passando, posteriormente a denominar-se Curituba² pela Lei nº 377, de 31 de dezembro de 1943, cujo espírito pretendia evitar a pluralidade de País com o mesmo topônimo” (IBGE, 1958, p.292). Ainda de acordo com a mesma publicação, “Em 6 de fevereiro de 1955, foi instalado o município, tomando posse a Câmara de Vereadores [...] e o Prefeito Municipal” (IBGE, 1958, p. 293) que haviam sido eleitos em outubro do ano anterior.

Pouco depois de conquistar a sua emancipação, o município, que ainda se chamava Curituba, mudou novamente de nome. Cléia Tenório Vieira afirma que

Com esse reconhecimento legal, em 1955 a população vivia novamente a esperança de melhores condições de vida. No entanto, ainda havia um detalhe a ser acertado: o nome do local. [...] Assim, em 11 de janeiro de 1958, por meio da Lei nº 890 o município retorna a seu nome inicial com um acréscimo para evitar a pluralidade de nomes no País, passando a se chamar Canindé de São Francisco. (VIEIRA, 2019, p.38)

O assentamento Florestan Fernandes foi fundado no ano de 1999 com a ocupação da fazenda Oroco que pertencia ao fazendeiro José Américo. Em 2000 foi feito o loteamento dos cerca de 824,974 hectares que foram desapropriados e distribuídos em 32 lotes, além de uma área de reserva legal e uma área coletiva. O assentamento que homenageia o escritor Florestan Fernandes, em seu projeto original, assentou 32 famílias. Hoje, após a chegada de mais indivíduos no local, passaram a morar uma média de 42 famílias, contabilizando um total de aproximadamente 200 moradores (ACLAS, 2019).

²Curituba é nome de um importante rio existente em seu território. Ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/caninde-de-sao-francisco/historico>. Acesso em: 22/12/2019. Conforme ACLAS (2019), Atualmente, Curituba é também o nome do povoado onde se localiza o Assentamento Florestan Fernandes.

Após o breve histórico do município de Canindé de São Francisco e do assentamento Florestan Fernandes, vamos observar alguns aspectos da proposta metodológica conhecida como História oral, utilizada na realização deste estudo.

A HISTÓRIA ORAL E SEU MÉTODO

Conceituar história oral não é uma tarefa fácil. Então, vamos fazer uso das palavras de um dos pioneiros neste método de pesquisa, o historiador Paul Thompson. O historiador inglês conceitua a história oral como sendo “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (Thompson, 2002, p. 9).

Sobre o método da história oral, no livro *A Voz do Passado*, que trata desse método, Thompson afirma que

A história oral é um método de investigação do passado que tem como natureza a criação, a cooperação, o diálogo e o debate. O trabalho de campo em história oral propicia o ingresso na vida de outras pessoas e com isso cria uma experiência humanizada profunda e comovente. Ela estimula o trabalho coletivo, fomenta e estreita as relações entre as pessoas de uma comunidade, fazendo com que olhem para dentro e percebam que a comunidade carrega uma história multifacetada de trabalho, vida familiar e de relações sociais (THOMPSON, 1992, p. 217).

Portanto, podemos notar que a história oral possui um grande potencial, podendo ser empregada em pesquisas que envolvam diversas temáticas. A grande quantidade de informações que podem ser coletadas através dos relatos orais possibilita um conhecimento expressivo, seja da vida de um indivíduo ou mesmo do grupo social do qual pertence. Cabe a nós, professores e pesquisadores, procurar nos qualificarmos para uma boa utilização do método, fazendo da história um campo mais plural em suas abordagens, ou seja, trazendo à tona todos os sujeitos que compõe a sociedade, independente de cor, sexo, religiosidade ou classe social.

Empregar a história oral consiste em realizar entrevistas que possam ser utilizadas posteriormente para desenvolver pesquisas. Esse método começou a ser utilizado a partir de 1950 nos Estados Unidos e se expandiu pelo mundo. A invenção do gravador foi essencial para o método da história oral, pois, o mesmo possibilitou a captação dos arquivos de voz para uma posterior análise. De acordo com Nadia Maria

Guariza “a História oral iniciou os seus arquivos e estudos após a Segunda Guerra Mundial em várias partes do mundo, contudo a referência do início das pesquisas é a Universidade de Columbia nos Estados Unidos” (GUARIZA, 2014, p. 6).

No Brasil, essa metodologia começou a ser utilizada na década de 1970, com a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC). Desde então, seu uso foi crescendo e a mesma foi se afirmando como um importante recurso para as pesquisas.

Uma característica importante da fonte oral é que ela pode, assim como os outros tipos de fonte, nos ajudar a compreender melhor o passado. Porém a nossa testemunha está no presente e isso nos possibilita direcionar os temas que pretendemos investigar. Bianca Franco e Maria Auxiliadora Schmidt salientam que

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar (FRANCO e SCHMIDT, 2014, p. 7).

Através do método da história oral, mesmo entrevistando apenas um indivíduo, podemos elaborar uma história de um grupo ou de uma sociedade, pois, um indivíduo não possui somente uma memória individual. Ele vive em grupo e carrega consigo a memória coletiva da comunidade e da sociedade em que vive. Corroborando com essa ideia, Franco e Schmidt (2014) afirmam que a história oral “faz parte de todo um conjunto de documentos do tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modo de vida de um grupo ou da sociedade em geral” (FRANCO e SCHMIDT, 2014, pp.7- 8).

Uma característica marcante da história oral, é que a mesma dá voz aos sujeitos que, normalmente, são esquecidos propositalmente pela historiografia tradicional. De acordo com Thompson:

De fato, todo homem e toda mulher têm uma história de vida para contar que é de interesse histórico e social, e muito podemos compreender a partir dos poderosos e privilegiados – proprietários de terra, advogados, padres, empresários, banqueiros, etc. Mas a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens, e cujas vozes estão

ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos (THOMPSON, 2002, p.17).

Portanto, é muito importante que através da história oral, os excluídos da história tradicional, como é o caso de moradores de assentamentos e de outras pessoas que estão à margem da sociedade, possam ter sua história contada e sintam-se como partícipes da história. Thompson ainda salienta que

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição (THOMPSON, 1992, p.44).

Na busca por uma História democrática, que amplie a noção de sujeitos históricos e que passe a incluir nas pesquisas personagens até então esquecidos ou mesmo deixados de lado e corroborando com a ideia de Thompson, Carlos José de Farias Pontes deixa claro que

um aspecto relevante ao se trabalhar com a história oral é a possibilidade que ela tem de demonstrar que os sujeitos históricos estão para além dos grandes líderes, que os heróis não são necessariamente monarcas, nobres ou mártires, mas sim, todos que com sua própria vida fazem a história acontecer (PONTES, 2016, p.6).

Outra questão que causa muita discussão no meio historiográfico é a legitimidade da fonte oral. Para alguns historiadores, a fonte oral não tem o mesmo valor do documento escrito por a considerarem que sua subjetividade faz com que a mesma perca o seu valor. porém, mesmo com toda subjetividade inerente a esse tipo de fonte, muitos historiadores reconhecem a sua legitimidade. De acordo com Michael Pollak “não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo” (POLLAK, 1992, p. 207).

Através do método da história oral iremos então abordar a história de vida de um jovem estudante de um assentamento rural que provavelmente nunca teria sua história contada pela história tradicional.

A HISTÓRIA DE VIDA DE UM JOVEM ASSENTADO

Morador do assentamento Florestan Fernandes, nosso jovem entrevistado leva uma vida simples, porém não menos interessante. Estudante do ensino médio em escola pública, condutor de trilhas e repentista, passou a viver no assentamento desde os primeiros anos de sua infância. Nascido em Canindé de São Francisco em 12 de novembro de 2003, chegou ao assentamento aos dois anos de idade, trazido por seus pais, um casal de trabalhadores rurais.

A partir do depoimento, pudemos notar vários aspectos relevantes da vida do jovem, que, certamente, faz parte da vida de muitos outros da mesma faixa etária do sertão sergipano. Através da entrevista, que foi composta de trinta e seis perguntas³, pudemos notar a diversidade de temas que podem ser explorados. Porém, nesse artigo, vamos nos concentrar em três temáticas que permeiam a vida do entrevistado: Trabalho, lazer e meio ambiente. Temas esses que estão entrelaçados no cotidiano do nosso entrevistado e possivelmente de muitos outros da região.

O nosso jovem é um apaixonado pelo assentamento e pelo que ele oferece em termos de opções para o seu lazer. Quando perguntado se gosta da vida que leva no assentamento, o mesmo relatou:

‘Oxe!’ é bom. Nós “se mudou” pra Canindé agora, mas eu ‘tava’ dizendo a eles que eu não deixava aqui por lá não porque lá é ruim demais. Aqui tem pra onde a pessoa ir, tem mato pra pessoa andar. Lá o cara fica dentro de uma casa trancado, só sai de vez em quando pra escola. É escola e casa, escola e casa. Tem um jogo de futebol, mas é um jogo sei lá sem graça. Aqui tinha mais graça o jogo de futebol, lá é sem futuro (VIANA, 2019).

Por falar em futebol, o campo de terra batida é uma das principais opções de lazer para os meninos do assentamento, e jogar futebol é uma das coisas que o nosso entrevistado mais gosta de fazer em companhia de outros colegas nos fins de tarde. Quando indagado sobre o acontecimento mais importante que vivenciou no assentamento, algo nos chamou a atenção, ele afirmou haver vários, porém, ao questionarmos se podia citar um que o marcou profundamente e que ele nunca iria esquecer, o jovem estudante afirmou emocionado que

³ Das trinta e seis questões, treze foram abertas, ou seja, permitiam ao entrevistado fazer maior uso da subjetividade para respondê-las; e 23 foram fechadas, permitindo respostas simples e diretas.

Foi a primeira vez que meu pai me deixou jogar bola com os mais velhos, pronto, aquilo ali marcou minha vida. Ele confiou, começou a confiar em mim. Porque antes aí tinha “uns pessoal” que toda vez, toda vez que ia jogar bola tinha briga. Aí foi quando eu pedi a ele, pedia, pedia e ele não deixava por causa desses ‘caba’. Aí teve um dia que eu disse pai deixe eu ir jogar bola, ele disse: vá, eu vou ficar daqui da área olhando você jogar bola viu. Se acontecer alguma coisa pode vim pra casa. Ai pronto. No dia que eu fui “oxe!” os “caba” só faltaram me abraçar, me beijar. Aí seu pai deixou você sair agora de dentro de casa. Eu disse foi. É bom demais. Foi isso. (VIANA, 2019).

Esse acontecimento nos chamou bastante a atenção, não pelo simples fato de o jovem ter tido a permissão do seu pai para jogar futebol, o que é algo bem corriqueiro para pessoas de sua faixa etária. Entretanto, a narrativa permite observar a relevância dada, tanto pelo entrevistado quanto pelo grupo de adultos que o recebeu de forma quase que festiva para disputar a primeira partida de futebol juntos. Situações como esta nos remete a eventos que já ocorriam desde as sociedades primitivas, um importante rito de passagem⁴, que representa igualmente para o nosso entrevistado a sua progressiva aceitação e participação no grupo do qual faz parte, ou seja, dos demais assentados adultos, tendo o fato, portanto, tanto um cunho individual quanto coletivo.

Além de jogar futebol, outras opções de lazer também fazem parte do cotidiano dos jovens moradores do Assentamento Florestan Fernandes. Uma delas é passear a cavalo e tentar capturar, com os amigos, o boi “fugitivo” em meio aos obstáculos naturais oferecidos pela caatinga. Segundo nosso jovem entrevistado, “... de vez em quando, os meninos “pega uns cavalo” e nós “vai” pra caatinga andar, brincar com os cavalos lá, aqui acolá corre um boi, e é isso” (VIANA, 2019).

Apesar de ser uma diversão que caiu rápido no gosto de muitos moradores da zona rural nordestina, Del Priory (1994) aponta que competições com participantes montados a cavalos, a exemplo de Corrida de Argola e outros tipos de disputas realizadas com montaria, já fazia parte da diversão de fidalgos no final século XVI no período colonial, espalhando-se rapidamente, a partir de então, por várias regiões do Brasil, passando a ser uma atividade muito praticada. Sobre a origem europeia dessa prática, a historiadora afirma que “carvalhadas ou cavalarias eram reminiscência das

⁴ Para Arnoud Van Gennep (1909), os ritos de passagem dividem-se em três categorias, podendo ser conceituados como fenômenos compostos de fases de separação e de incorporação à sociabilidade, sendo que entre estas há um período liminar, marginal ou fronteiro que o sujeito percorre para se enquadrar no plano social. Disponível em: <<http://ea.flch.usp.br/obra/os-ritos-de-passagem>. Acesso em: 10/01/2019.

justas e torneios de nobres cavaleiros, a que vieram somar-se a celebração dramatizada de lutas entre cristãos e mouros” (DEL PRIORY, 199, p. 60).

O jovem entrevistado também é repentista e um dos temas que mais aborda em seus versos é a caatinga e a preocupação com a preservação da mesma. No livro *Cantos e Contos do Florestan* um dos trechos de sua autoria traz a preocupação com uma das principais características climáticas da região que é a falta de chuva em determinadas épocas do ano.

Nossa caatinga está morrendo quem vai lhe ajudar?
Não tem chuva no sertão, para a terra molhar
então vamos resgatar, nossa querida caatinga
pra ela não se acaba! (VIANA, 2019, p.11)

Mas não é só isso, em seu depoimento, o jovem demonstrou muita preocupação com a forma que a natureza vem sendo tratada por algumas pessoas. Quando questionado sobre o futuro que deseja para o assentamento, respondeu que

Eu desejo que o assentamento cresça mais e que, (pausa) deixe eu ver viu, que ele cresça mais e que se desenvolva ao longo do tempo porque aqui “as coisa” tá meio, tá “meia” ruim por causa do desmatamento. Tá tendo muito desmatamento no assentamento. É ruim isso. (VIANA, 2019)

O desmatamento é algo preocupante para o equilíbrio ambiental. Uma matéria veiculada no site Brasil Escola, de autoria de Rodolfo Alves Pena, aponta algumas das principais consequências oriundas desse tipo de devastação. Segundo o texto publicado no início de 2019, existem indícios ainda não comprovados de que a Caatinga possa ser mais eficiente na absorção de gás carbônico da atmosfera do que as florestas tropicais, haja vista que essas últimas produzem uma quantidade de CO₂ mais ou menos equivalente ao que absorvem, ou seja, seu desmatamento provoca um aumento considerável do Efeito Estufa.

Outra consequência do desmatamento da Caatinga estaria ligada ao processo de desertificação⁵. Isso porque nas regiões de clima mais quente e com pouca precipitação, o que se verifica em algumas das áreas ocupadas por esse bioma, é a

⁵ Segundo o conceito elaborado durante a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, a desertificação é caracterizada como o processo de degradação da terra nas zonas áridas, semiáridas e subúmidas secas, resultantes das atividades humanas ou de fatores naturais (variações climáticas). Ver: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/desertificacao.htm> Acesso em: 24/12/19.

desidratação dos solos ocasionada pelo elevado índice de evaporação. Aliada à remoção da vegetação, faz com que o problema seja intensificado, tornando os solos mais expostos e, por isso, altamente propensos a erosões e outros problemas ambientais, como a salinização. Isso seria catastrófico, sobretudo para aqueles que estão inseridos na Caatinga, os primeiros a serem afetados.

Como citado anteriormente, o jovem e sua família atualmente residem na sede do município de Canindé de São Francisco, pois, por causa da seca que nos períodos mais quentes, afeta a região, a família e os demais assentados ficam impossibilitados de desenvolver o trabalho agrícola. Para contornar a difícil situação, muitos saem do assentamento em busca de outros meios para o sustento da família. O que não é diferente com o pai do nosso entrevistado, pois o mesmo, para continuar provendo a subsistência familiar passou a desenvolver o ofício de pedreiro, tendo que retirar-se com sua família do Florestan Fernandes até que as chuvas retornem.

A mudança de toda a família para a cidade não se deu apenas por conta do trabalho. Mesmo sem ter tido a oportunidade de prosseguir nos estudos, devido à dura rotina de afazeres que enfrentavam quando mais jovens, os pais do nosso entrevistado sempre tiveram a preocupação de garantir o acesso à educação do filho, fazendo com que ele ficasse mais próximo do colégio onde estuda, já que não há instituições que ofereçam o Ensino Médio nas proximidades do assentamento.

No que se refere à escola é importante observar que o entrevistado é estudante do 2º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Delmiro de Miranda Brito, na cidade de Canindé de São Francisco. Coursou o Ensino Fundamental na Escola Municipal Cacilda Damascena Freitas, localizada no povoado Santa Rita que fica próximo ao assentamento Florestan Fernandes.

Em relação ao trabalho no assentamento, quando o clima é favorável, nosso jovem e sua família trabalham na agricultura. Apesar das adversidades climáticas, a agricultura é uma das atividades econômicas mais praticadas na região e é essencial para subsistência da população. Em geral, a produção é destinada ao próprio consumo, realizada em pequenas propriedades, desenvolvida por integrantes da família e sem o uso de máquinas. A chegada da chuva na região é motivo de muita alegria para os sertanejos. Por causa da fertilidade do solo no sertão, quando elas ocorrem, os sertanejos trabalham com a certeza de que terão boas colheitas. Inclusive, na primeira estrofe de seu repente, o

estudante deixa claro a felicidade e a satisfação do povo do sertão ao ver as primeiras chuvas começarem a cair e a molhar a terra, pois,

Mandacaru é verde de inverno a verão,
quando brota sua flor, é chuva no meu sertão
todo mundo se anima, quando vê aquele clima
pra plantar logo feijão. (VIANA, 2019, p.11)

Como citado, o feijão é um dos produtos mais cultivados no sertão juntamente com o milho. No geral os produtos são cultivados para consumo da família e no caso do milho, também pra fazer ração pro gado e somente o excedente é comercializado. Quando perguntado sobre o que plantavam no período de chuva, o jovem respondeu que “é milho, feijão, girassol de vez em quando, deixe eu ver, palma⁶ [...]” (VIANA, 2019).

Assim é a vida de um jovem, morador de um assentamento no interior de um município sergipano afetado pela seca, que certamente, guardadas as peculiaridades, é semelhante à de muitos outros jovens do sertão sergipano e nordestino. Trabalho e lazer, entre outros aspectos da vida cotidiana, estão entremeados. Poderíamos, utilizando-se do depoimento do jovem, abordar vários outros aspectos de sua vida cotidiana. Porém, escolhemos focar nesses dois pontos por considerar que o que foi relatado pelo entrevistado diz muito sobre a vida de outros jovens sertanejos.

Enfim, trabalhar com História oral pondo em prática questões teóricas amplamente discutidas em sala de aula, contribuiu muito com o nosso crescimento profissional enquanto professores de História. Observar os relatos de um jovem estudante de escola pública de apenas dezesseis anos de idade e que desde muito cedo passou a viver, juntamente com sua família, em um assentamento agrícola no sertão de Sergipe, nos mostra a força e a perseverança de indivíduos que mesmo enfrentando grandes dificuldades para realizar o importante trabalho agrícola, sobretudo por conta da seca que afeta a região, conseguem contornar os obstáculos do dia a dia e sobreviver valendo-se de muito trabalho, criatividade e dos momentos de lazer. É por essas e outras razões que consideramos o homem do sertão um “grande personagem” inserido num

⁶A palma, planta forrageira que tem como característica a tolerância à seca, pode ser adaptada para absorção e aproveitamento de água em ambientes de condições adversas, suportando longos períodos de escassez hídrica. A espécie é um poderoso instrumento de apoio para a convivência da pecuária regional com as secas, sendo fonte não apenas de alimento, mas de água em regiões onde este recurso é escasso até para a população humana. A planta que tem fins medicinais, serve também para alimentação humana, de bovinos, caprinos, ovinos e suínos. Ver: https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/_/noticia/10455882/vegetacao-da-caatinga-tem-potencial-para-alimentacao-de-rebanhos Acesso em: 09/02/2020.

cenário pouco acolhedor, e que merece toda a admiração pelas “lutas” diárias que travam. Nesse sentido, essa experiência elevou a nossa convicção sobre a importância da História oral como método de pesquisa por possibilitar a inserção de sujeitos históricos importantes dentro da sociedade, mas frequentemente esquecidos tanto pelo poder público, quanto pela historiografia tradicional. Também nos ajudou a compreender o quanto esse método é importante, prático e primordial, para que possamos convencer os nossos alunos de que eles também são sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS

1. ACLAS. *Cantos e Contos do Florestan*. Canindé do São Francisco. ACLAS, 2019.
2. BRASIL ESCOLA. *Desmatamento da caatinga*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/desmatamento-caatinga.htm>>. Acesso em: 24 dez. 2019.
3. ARMESTO, Felipe Fernández. *Qual o impacto da Geografia sobre os acontecimentos?* IN: SWAIN, Harriet (Org.). *Grandes Questões da História*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2010.
4. FONSECA, Selva Guimarães. *História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História*. *História Oral (RJ)*, v. 9, p. 125-141, 2006.
5. FRANCO, Bianca Liz Possebom; SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos Santos. *História oral e aprendizagem histórica: uma experiência com a história das mulheres do bairro Jardim Cruzeiro*. *Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor*. PDE. Paraná, 2014.
6. GUARIZA, Nádia Maria. *A História Oral e o Ensino de História: A discussão atual em revistas acadêmicas brasileiras*. *Os desafios da Escola Pública Paranaense da perspectiva do professor*. PDE. Paraná, 2014.
7. IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. V.04. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
8. POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

9. PONTES, Carlos José de Farias. *O uso da história oral no ensino de história: uma experiência no Colégio de Aplicação (CAP) da Universidade Federal do Acre (UFAC)*. In: XIII Encontro Nacional de História Oral. História Oral, práticas educacionais e interdisciplinaridade. Porto Alegre. Anais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Associação Brasileira de História Oral. 2016, p. 1-13.
10. PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo. Editor Brasiliense, 1994.
11. THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Paz e Terra, 1992.
12. _____. *História oral e contemporaneidade*. História Oral (RJ), v. 5, p. 9-28, 2002.
13. VIANA, Gustavo Souza. *Florestan*. In *Cantos e Contos do Florestan*. Editora ACLAS, Canindé de São Francisco, 2019.
14. VIEIRA, Cléia Tenório. *História e Memória de Canindé de São Francisco – SE antes e após a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó*. Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia. 2019.